

OS BEZERROS DE OURO

Estudo de Ex 32,1-10 e 1Rs 12,25-33

Silvia Togneri

Resumo

O presente artigo apresenta o estudo dos textos de Ex 32,1-10 e 1Rs 12,25-33 com o propósito de entender por que o povo recém-liberto do Egito e mais tarde, na época da monarquia dividida, a partir de seu rei, passa a cultuar imagens de bezerros, identificando-os com o Deus que os libertou do Egito, descumprindo a ordem de Javé para não confecção de imagens representativas de divindades e adoração a elas (Ex 20,3-4). O contexto em que os fatos aconteceram, a época da redação deles e a teologia que os autores seguiram é importante para ajudar a compreender como eles são narrados.

Palavras-chave: *Bezerro de ouro. Deuses. Libertar. Imagem. Javé. Idolatria. Monoteísmo.*

Abstract

This paper presents the study of texts from Ex 32:1-10 and 1 Kgs 12:25-33 in order to understand why the newly freed people of Egypt and later, at the time of divided monarchy, due to their king, started the worship of calf images, as they were the god who brought them up from the land of Egypt, and disregarding the order of Yahweh they shall not have other gods beside him and make for themselves an idol to worship (Ex 20:3-4). The context in which the events have occurred, the time of their writing and the theology the authors have followed are important to help us understand how these events are narrated.

Keywords: *Golden Calf. Gods. Freed. Image. Yahweh. Idolatry. Monotheism.*

Introdução

No ambiente e na cultura politeísta a adoração de imagens representativas de divindades era costume nos tempos antigos, como por exemplo: no Egito, na

Síria e na Mesopotâmia. Havia, então, a necessidade de aproximar-se da divindade, e até mostrar-se a ela, a fim de que favorecesse com boa produtividade, tanto nas plantações como nos rebanhos. Ter presente na família imagens que podiam oferecer essa recompensa e até proteção era comum, conforme relatado em Gn 31,49, no episódio em que Raquel levou os terafins que pertenciam a seu pai Labão, quando deixou a convivência na casa dele. A posse dos terafins era garantia de justiça a quem havia sido explorado na casa do pai; o restabelecimento do dote e a proteção dos filhos e netos que estivessem longe da casa paterna.

A proibição de dedicação a outras divindades, de confecção de imagens que as representassem e que representassem também a Javé, e a prostração diante delas, tornou-se lei para o povo de Israel a partir da revelação de Deus a Moisés, no Sinai: “Não tenha você outros deuses diante de mim. Não faça para você imagem de deus, qualquer representação do que existe no céu, na terra ou nas águas que estão debaixo da terra. Não se prostre diante desses deuses, não lhes sirva, porque eu, Javé seu Deus, sou um El ciumento...” (Ex 20,3-5a)¹. Assim, também, fazer imagens representativas de Javé não é permitido ao seu povo.

Javé determinou que o povo se apresentasse diante dele em três épocas distintas, embora sem que houvesse uma imagem sua, mas a partir do Templo e da presença de Deus, simbolizada pelas tábuas da lei na Arca da Aliança. Essa apresentação ficou regulamentada em três ocasiões de festejos em honra de Javé, e em Jerusalém, quando a Arca foi estabelecida no Templo: na Festa da Páscoa (dos Pães sem Fermento, a celebração da saída do Egito), na Festa de Pentecostes (da ceifa dos campos, das primícias do trabalho no campo) e na Festa das Tendias (da colheita, no final do ano agrícola e habitação em tendas) – Ex 23,14-17, cf. Lv 23 e Dt 16,16. Era a época especial em que o povo de Israel se mostrava diante de Javé e por Ele era abençoado.

Idolatria e culto a imagens

O conceito de idolatria e a proibição de culto a imagens surgem na Bíblia quando Deus se revelou a Moisés no Sinai (Ex 3,1-15 e 20,1-5) e, posteriormente, foram combatidos pelo monoteísmo bíblico e pela conseqüente monolatria que se estabeleceu². O Deus dos pais, de Abraão, de Isaac e de Jacó, tornou-se aos poucos o Deus Criador de tudo, o Deus que ouve o apelo do povo, conhece a sua aflição e toma uma posição em favor do povo para libertá-lo, e que se identifica como ‘Eu Sou’. E, muito tempo depois, com o livro do Segundo Isaías (Is 43–44) e com o rei Josias, teremos o monoteísmo e a monolatria aplicados ao povo de

1. Tradução Nova Bíblia Pastoral. São Paulo: Paulus, 2013, a qual será usada em todo o trabalho.

2. A Monolatria em Israel foi se estabelecendo a partir do reconhecimento de Javé como o único Deus do povo. Inicialmente Javé era aceito como um dos deuses das tribos e depois passou a ser o único Deus de todo o povo, assim o Monoteísmo se estabeleceu.

Israel. Javé é Deus porque cria e liberta, isso é o que caracteriza a sua divindade como o Segundo Isaías registra:

Agora, porém, assim diz Javé, aquele que criou você Jacó, aquele que formou você, ó Israel: Não tenha medo, porque eu o protegi e o chamei pelo nome. Você é meu... Eu, eu sou Javé, e fora de mim não existe salvador. Anunciei e salvei. Anunciei, e não havia outro para vocês. Vocês são minhas testemunhas – oráculo de Javé. Eu sou, e o sou para sempre. Não há quem possa livrar-se de minha mão. E quem poderá desfazer o que eu faço? (Is 43,1.11-13).

Na Bíblia, a proibição de fazer imagens que representem Javé (Ex 20,4-6 e Dt 5,8-10), tem o seu sentido porque “nenhuma figura humana ou de animal poderia representá-lo. Representar Javé por meio de imagens seria o mesmo que reduzi-lo ao nível da natureza e, por conseguinte, rebaixá-lo ao nível de divindades adoradas por imagens”³. Também na Bíblia encontramos a proibição de cultos aos ídolos, porque ídolos não são deuses e sim fruto de mãos humanas. Assim a idolatria se caracteriza por dar a uma imagem um caráter divino que ela não tem. Mas, nos tempos antigos, se pensava ser essa a única forma de prestar culto ao deus e receber dele a sua proteção. Em relação ao tratamento dado a uma imagem de deus, McKenzie registra: “No Egito e na Mesopotâmia, pela manhã o deus era acordado, lavado, purificado ou ungido, vestido e serviam-lhe as refeições. Não obstante sabia-se que era uma imagem”⁴.

No antigo Israel, porém, havia as imagens dos querubins. Dois deles estavam sobre a Arca da Aliança, como guardas, com as asas estendidas cobrindo o propiciatório⁵: o lugar onde Javé falava aos israelitas era protegido pelos querubins. Também no Templo de Salomão havia dois querubins com mais ou menos cinco metros de altura e suas asas iam de uma parede a outra no Santo dos Santos. Javé estava entronizado entre querubins, conforme 1Sm 4,4; 2Sm 6,2; 2Rs 19,15; 1Cr 13,6; Sl 80,2; 99,1 e Is 37,16.

Conhecendo quem é Deus, qual é a sua vontade e seguindo sua orientação de não produzir imagens que o representassem e não dedicar-se a outras divindades, o que levou o povo e seus dirigentes, em momentos históricos específicos, a transgredir e voltar-se para o culto a imagens? É o que pretendemos entender a partir do estudo que faremos, analisando os textos de Ex 32,1-10 e 1Rs 12,26-33, com base em Ex 20,3-4.

3. McKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. 8ª ed. São Paulo: Paulus, 2003, p. 436.

4. McKENZIE, 2003, p. 435.

5. Em Ex 25,18-20, Javé orienta como os querubins deverão ser feitos e onde serão colocados sobre a Arca.

O bezerro feito por Aarão – Ex 32,1-10 (cf. Dt 9,7–10,11)

O relato refere-se a Moisés quando subiu a Montanha para encontrar-se com Deus e o povo ficou embaixo e sentiu-se sozinho. Moisés passou muito tempo no alto da montanha e, segundo o texto, quarenta dias (Ex 24,18), o qual traz o simbolismo de um tempo necessário para encontro com Deus, e de preparação para uma nova etapa que irá chegar. Podemos perceber, no texto, dois extremos: Moisés no alto da montanha e com Deus e o povo embaixo da montanha sem Deus, sentindo-se só, sem uma liderança e uma divindade. No texto, a reclamação do povo, para fundamentar o pedido dele para que tenha deuses, é a seguinte: “... *porque não sabemos o que aconteceu com esse Moisés, o homem que nos tirou da terra do Egito*” (Ex 32,1). Ainda não reconhecem que foi o Senhor com seu poder que os libertou e nem reconhecem em Moisés o encarregado por Deus para a libertação acontecer e nem conseguem ainda entendê-lo como o Profeta da Lei. Naquele momento ele é apenas um homem, chamado por: *esse Moisés*.

O segundo elemento é que ainda não conseguem perceber que é o Senhor Javé, que os libertou do Egito, que caminha à frente e com o povo, orientando no caminho a seguir (coluna de nuvem ou fumaça), e provendo de água e alimento, necessários para sobrevivência (o maná e as codornizes). O povo ainda não conhece e não reconhece Javé como Deus libertador e que não o abandona na jornada no deserto. Por isso, quando se sente sozinho pede a Aarão: “*Vamos! Faça para nós deuses que caminhem à nossa frente*” (Ex 32,1). O povo não quer deixar de ter a proteção de uma divindade, e como no caso pede deuses, está no ambiente claramente politeísta, conforme podemos perceber em Ex 20,3-5⁶. O povo ainda não reconhece Javé como o único Deus. Como o Deus criador e libertador. Há uma necessidade de ter visível junto com o povo imagens de deuses⁷. O termo usado no hebraico *elohim*: é plural e é traduzido por deuses, embora muitas vezes também seja traduzido no singular, como deus. Mas no caso do versículo em questão aparece em concordância com o restante da frase: “*que caminhem à nossa frente*”.

O povo pede a Aarão que lhe faça deuses e ele imediatamente atende ao pedido do povo. Aarão concorda, e não quis entrar em conflito com o povo e até o culpa, conforme ele afirmou ao se explicar para Moisés:

Não fique irritado, meu senhor. Você sabe que este povo é inclinado para o mal. Eles me pediram: “Faça para nós deuses que caminhem à nossa frente, porque não sabemos o que é feito desse Moisés, o homem que nos tirou da

6. O texto admite a presença e o culto a outras divindades na época.

7. Para COLE, R. Alan. *Êxodo*. Introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova; Mundo Cristão. 1981, p. 206: “o pecado do povo foi fruto de sua impaciência em não esperar mais por Moisés... o pedido de deuses tem o caráter de majestade, e certamente não estavam pensando em Javé... e não lhes ocorria o nível elevado de adoração sem imagens, nem sequer de monoteísmo”.

terra do Egito”. Eu disse então: “Quem tiver ouro, que o retire”. Eles me trouxeram, eu levei ao fogo, e saiu esse bezerro (Ex 32,22-24).

O texto culpa totalmente o povo pela quebra e ruptura da Aliança com o Senhor. Esse relato nos lembra a frase e a ação de Jesus, muito tempo depois, ao olhar a multidão e se compadecer por eles (do povo), porque pareciam como ovelhas sem pastor e passar a lhes ensinar (Mc 6,34). O povo sem Moisés ficou sem liderança e sem uma orientação segura. A figura central no texto é Moisés que tem intimidade com o Senhor e sobe a montanha. Aarão não partilha dessa intimidade. Por esse motivo, também como integrante do povo, ainda não consegue perceber quem é o Senhor Javé, o alcance da sua ação salvadora e o projeto que tem para esse povo. Lembramos que Israel em sua raiz foi politeísta⁸ e o texto foi redigido muito tempo depois do evento ocorrido, na época em que o monoteísmo começou a se institucionalizar em Israel. Por isso, há a condenação veemente do Senhor Javé que aparece nos versículos seguintes (Ex 32,7-10), devido ao povo pedir a confecção de imagens de deuses e identificá-las erroneamente com quem os libertou do Egito.

Uma incompatibilidade aparece no texto em relação ao pedido da confecção de imagens de deuses, quando Aarão molda um único bezerro do ouro que o povo deu dos brincos que traziam nas orelhas (Ex 32,2-3). Após o bezerro ter sido moldado com o ouro, o povo disse: “*Israel, este são os deuses, que tiraram você da terra do Egito*” (Ex 32,4). Adinich destaca: “o plural deuses está relacionado, no texto, com um único bezerro. Nesse caso, a imagem deveria ser entendida como a representação de um grupo de deuses, o que é algo familiar”⁹. O que está por trás desse episódio é a incompreensão do povo que modificou a identidade essencial do Deus que o libertou do Egito. O povo precisava de tempo para entender quem é Javé. Substituir o Senhor que tudo cria, ama, tem misericórdia e liberta o povo por uma imagem de metal fundido, demonstra um total desconhecimento de quem é Deus e qual o seu projeto para o povo que liberta. Uma imagem de metal fundido manipulada pelas mãos de um ser humano não consegue representar a grandiosidade do Senhor Javé. Destaco ainda o comentário de Adinich: “A atitude de Aarão pode ser vista como tentativa de criar uma religião a partir dos desejos das pessoas e não a partir da palavra revelada. Uma religião que não se fundamenta na pergunta “O que Deus espera de nós?”, mas na interrogação “Qual Deus as pessoas querem ter?”¹⁰

8. Veja os relatos de Gn 31,29-35; 35,1-2; Jz 2,11-13, e os terafins usados por Davi (cf. 1Sm 19,16).

9. ADIÑACH, Pablo R. *O livro do Êxodo*. Um comentário exegético-teológico. São Leopoldo: EST, 2010, p. 361. Onde também aponta para a suposição que o bezerro possa ser entendido como uma imagem do anjo de Javé. Uma vez que se apoia no fato da função da expressão: “ir à nossa frente” somente ter sido usada para o mensageiro do Senhor (Ex 14,19; 23,23; 32,34; 33,2) ou à coluna de fumaça (Ex 13,19).

10. ADIÑACH, 2010, p. 362.

A tradução do termo hebraico *'egel* por bezerro não é fiel, pois o termo se refere a um jovem touro em sua primeira força, com aproximadamente três anos de idade. Segundo Cole, na época “a santidade do touro como símbolo de força e capacidade reprodutiva corre desde o culto a Baal em Canaã até o hinduísmo popular do sul da Índia de hoje, onde quer que a religião seja vista como forma do culto da fertilidade comum aos criadores de animais”¹¹. O grupo está no deserto sem a possibilidade de possuir animais de grande porte e tem como imagem de divindade protetora um bezerro, ou pequeno touro. Poderia ser fruto do culto a Apis ou à deusa Hator desenvolvido no Egito? O culto a Apis era feito não a uma imagem, mas como uma encarnação perene em forma de touro comum, nascido com certas marcas peculiares. E Hator, a deusa egípcia, era simbolizada por uma vaca¹². Pode ser que Aarão oriundo do Egito tenha se inspirado nesses deuses para fabricar o bezerro de ouro.

O bezerro de ouro é celebrado como se fosse o próprio Senhor Javé, que libertou o povo do Egito, com um altar, festa, holocaustos, sacrifícios de comunhão, comida e bebida (Ex 32,5-6). O povo embaixo da montanha, sem a revelação, festeja e dança em torno do bezerro que vê. É preciso considerar a necessidade de o povo passar por um processo de entendimento e reconhecimento a respeito de quem é o Senhor Javé para deixar de ser politeísta. Mesmo porque, conforme Ex 12,38, “*junto com os filhos de Israel, subiu também com eles grande mistura de gente*”, cujas pessoas traziam como prática de vida o culto a diversas divindades representadas por imagens esculpidas. O episódio do bezerro de ouro no deserto tornou-se uma prova disso. Mas, na época em que foi escrito transformou-se em um pecado de apostasia do povo, recentemente libertado, que ainda não tinha consciência plena sobre quem é o Senhor Javé.

A respeito do paralelismo desse episódio de Ex 32,1-6 (cf. Dt 9,7–10,11), com o relatado em 1Rs 12,26-33, há uma discussão sobre a relação entre esses dois episódios. López destaca:

Conserva-se em Ex 32 a lembrança de um pecado no deserto ou se trata de uma reprodução e uma projeção da história de Jeroboão à época de Moisés? Seja qual for a solução para este problema, não há dúvida que a ‘história’ do bezerro de ouro contém um pecado capital que não é exclusivo de um momento histórico concreto¹³.

Com esse registro passamos a analisar o relato dos dois bezerros feitos por Jeroboão, na época da divisão da monarquia unida, quando começa o reino do norte, em torno de 932 aC.

11. COLE, 1981, p. 207.

12. COLE, 1981, p. 207.

13. Garcia LÓPEZ, Félix. *O Pentateuco*. Introdução ao estudo da Bíblia. São Paulo: Ave-Maria, 2004, p. 171.

Os dois bezerros de Jeroboão – 1Rs 12,26-33

Após a rejeição do governo de Jerusalém, e a consequente divisão do reino unido em: reino do sul – Judá, sob Roboão, e reino do norte – Israel, sob Jeroboão, os nortistas rejeitaram também o Templo de Jerusalém e as peregrinações nas grandes festas efetuadas para Jerusalém¹⁴. Para substituir o Templo e mesmo para evitar que o povo fosse a Jerusalém e passasse a seguir o rei do reino do sul¹⁵, Jeroboão construiu dois bezerros de ouro e colocou-os em antigos santuários: Dã, no extremo norte, e Betel, perto de Jerusalém, no sul. Ele denominou os bezerros como: “*os deuses que fizeram vocês sair da terra do Egito*” (1Rs 12,28). Para a literatura deuteronomista que relata o fato, mais ou menos um século depois do fim do reino do norte, em torno de 622 aC, e que está no sul, essa atitude já era fruto da idolatria que dominava o norte, embora a intenção do rei fosse de certo modo ambígua: defender o povo da influência do governo do sul, e de certa forma proteger seu reinado e também de reavivar o culto nos santuários de Dã e Betel.

Os bezerros de ouro em um primeiro momento foram fruto do medo de Jeroboão em perder o apoio da população, dela poder se voltar para o reino do sul, a casa de Davi e, também, em perder a sua própria vida. Isso fica claro no texto:

Jeroboão disse em seu coração: “Agora mesmo o reino poderá voltar para a casa de Davi. Se este povo subir e oferecer sacrifícios na casa de Javé em Jerusalém, seu coração vai se virar para seu senhor Roboão, rei de Judá. Eles acabarão me matando e passando para o lado de Roboão, rei de Judá” (1Rs 12,26-27).

Há, porém, de se considerar também a necessidade do reino do norte ter seu próprio referencial religioso, independente do reino do sul. Para isso, todo um aparato é instituído em torno dos bezerros de ouro: restauração de santuários antigos (Betel e Dã), Festa das Tendões com data diferente da celebrada em Jerusalém e novo sacerdócio.

Por isso, Jeroboão, além de mandar fazer os bezerros de ouro e os colocar em santuários antigos, Betel e Dã, determinou outra data para a celebração de uma festa, como a Festa das Tendões, que era celebrada em Judá, construiu santuários nos lugares altos e instituiu outros sacerdotes que não eram de descendência

14. Jeroboão deve ter tido o apoio dos anciões das 10 tribos para poder impor uma atitude tão radical e contrária ao que vinha sendo praticado no tempo da monarquia unida em relação a Javé.

15. Para CHAMPLIN, Russel Norman. *O Antigo Testamento interpretado*. Versículo a versículo. São Paulo: Candeia, 2000, p. 1.411: A opulência do Templo de Jerusalém e a capital dourada, Jerusalém, poderiam influenciar o coração do povo, porque Judá era um lugar religioso especial. Assim o povo poderia querer se livrar de Jeroboão, passando novamente a seguir Roboão, rei de Judá.

levita¹⁶. Ele também subiu ao altar como sacerdote para queimar incenso (1Rs 12,33), o que era proibido pela lei mosaica.

Segundo Crocetti, de acordo com o deuteronomista, Jeroboão, ao colocar os bezerros de ouro em Betel e Dã, propiciou uma ocasião de pecado, pois o povo ia, em procissão, ao bezerro de Dã. Segundo as normas do Deuteronomista:

Jeroboão não deveria estabelecer dois lugares de culto, em Betel e Dã (cf. Dt 12,12), nem celebrar a Páscoa e as outras festas fora de Jerusalém (1Rs 16,5-6.11), nem modificar o calendário, e deveria colocar nas funções culturais só levitas (1Rs 18,5). Uma vez que faltavam essas condições, o culto no reino de Israel era cismático e idolátrico¹⁷.

Os bezerros de ouro que Jeroboão mandou fazer assemelhavam-se a touros, como a palavra hebraica *'egel* indica: touros de aproximadamente três anos de idade. Champlin e Crocetti destacam que a adoração não seria propriamente para os touros, mas para Javé, uma vez que os touros serviam de pedestal para o apoio da imagem de Javé, o que a Arqueologia ilustra a respeito de um pedestal posto sobre dois touros¹⁸.

A localização dos santuários de Betel e Dã, bem como o histórico deles de serem lugares sagrados, foram favoráveis para as peregrinações das tribos no norte. A distância entre os dois santuários era de 160km. Betel estava localizado no extremo sul de Israel, e apenas a 20km de Jerusalém, entre os territórios de Efraim e Benjamim. Foi um verdadeiro santuário em Israel, de contato com os patriarcas: Aí Abraão construiu um altar (Gn 12,8; 13,3-4); o nome foi dado por Jacó quando ali dedicou seu clã a Javé (Gn 28,18-22; 35,1-3). Samuel atuou também em Betel e lá construiu um altar para Javé (1Sm 7,16-17). Dã estava localizado no norte de Israel, no sopé do Monte Hermon. A cidade aparece como limite setentrional de Israel, e no seu santuário Javé era adorado (Jz 17). A sua localização favorecia o pequeno deslocamento das tribos do extremo norte de Israel.

16. Para CHAMPLIN, 2000, p. 1.411: A mudança da data da festa dos tabernáculos se deve à época da colheita que era diferente no reino do norte, um mês mais tarde do que no sul, devido às condições climáticas. Jeroboão também instituiu um “sacerdócio popular e democrático”. Voltando aos costumes antigos quando os chefes de família eram também sacerdotes, muito antes da instituição da lei mosaica.

17. CROCETTI, Guisepppe. *1 e 2 Samuel. 1 e 2 Reis*. Pequeno Comentário AT. São Paulo: Paulus, 1994, p. 117, segue o que está determinado em Ex 23,14-19 e a visão do deuteronomista, cf. Dt 10,8-9; 12,1-7 e 16,1-17.

18. CHAMPLIN, 2000, p. 1.411; e CROCETTI, 1994, p. 115-116, destacam: “não houve apostasia religiosa. Os dois touros de ouro (o texto bíblico, por desprezo, os chama “bezerros”) não eram ídolos, mas, como é confirmado pela arqueologia, formavam o pedestal ou o trono da divindade, como os querubins ou a arca que estava no Santo dos Santos”.

Conclusão

O bezerro feito por Aarão surgiu a pedido do povo, porém os bezerros feitos por Jeroboão surgem por iniciativa própria, fruto do medo dele. Na época, eles foram identificados da mesma forma, tanto pelo povo e depois por Jeroboão como: “*Israel, estes são os seus deuses que tiraram você da terra do Egito*” (Ex 32,4; 1Rs 12,28). Demonstra que o povo não reconhecia ainda que somente Javé é o Deus libertador, e a necessidade de o povo ter à sua frente imagens que representassem deuses visíveis. Porque o Senhor Javé é o Deus libertador invisível, mas que se revela pela sua palavra e por ações. E, por isso, não pode ser comparado a nenhuma imagem, porque não pode ser representado por elas.

A origem do bezerro de Ex 32,1-10 se contrapõe à dos bezerros de 1Rs 32,26-33 em alguns aspectos: o primeiro, foi pedido pelo povo, que impaciente se sente só e sem deuses que caminhem à sua frente, pois não percebiam que o Deus dos pais, o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, era quem os havia libertado do Egito e caminhava à frente e com o povo; os bezerros de 1Rs 12,26-33 não foram pedidos pelo povo e, sim, impostos por Jeroboão, embora ele tivesse o aval das lideranças das dez tribos do norte. Ele, por medo e cautela de o povo o abandonar e conseqüentemente tirar sua vida, apresenta-lhes a imagem dos bezerros como representação dos deuses que os tiraram do Egito; mas também o povo não reconhece Javé, o Deus dos Pais, como o Deus Libertador. O primeiro bezerro foi construído por Aarão, com uma participação efetiva do povo, uma vez que foi feito com os brincos de ouro que traziam nas orelhas. Mas, quanto aos bezerros de ouro, mandados fabricar por Jeroboão, o povo não teve participação, não foi consultado e nem contribuiu com ouro para tal. No relato de Ex 32,1-10 o povo é ativo e em 1Rs 12,26-33 o povo é passivo. No primeiro, é o povo que se sente só e sem a proteção de deuses. No segundo, é o rei, Jeroboão, que teme o povo, teme perder o seu apoio e ainda mais a própria vida.

Na sequência das duas narrativas, há também uma diferença nas festas e liturgias celebradas em honra dos bezerros. No primeiro relato foi Aarão que construiu um altar diante da imagem do bezerro e determinou que o dia seguinte fosse de honra ao bezerro com holocaustos, sacrifícios de comunhão e diversão para todo o povo. No segundo relato foi o rei, Jeroboão, quem determinou onde os bezerros seriam colocados, nos santuários de Dã e Betel, que já existiam e eram de tradição dos Patriarcas em homenagem a Javé, e os dias das festas a serem realizadas em homenagem aos bezerros.

No relato de Ex 32,1-10, o povo sente a necessidade de ter deuses visíveis a quem possa também se mostrar, ainda não percebeu que Deus também pode ser visto na obra de sua criação, na sua ação libertadora, na sua Palavra e nas pessoas que suscita para orientar o povo. O povo impaciente não consegue ver Deus e sua obra de libertação. No relato de 1Rs 12,26-33, Jeroboão poderia até saber quem

é Deus, mas impõe ao povo uma representação de Deus comum e mais típica da época para divindades, imagens, e, no caso, os bezerros. O povo não se revolta, mas deixa-se dominar pela determinação do rei Jeroboão. Passa a ir aos santuários de Betel e Dã, cultuar a Javé, pois pensava que Ele pudesse ser representado por meio de uma imagem, no caso pelos bezerros. A divisão entre o reino do norte e o do sul foi tão forte, porque se tratou do repúdio de um governo que tinha sede no sul, em Jerusalém, e que explorava muito mais o norte, e isso se refletiu também para que acontecesse a rejeição da instituição central do deus nacional, o Templo de Jerusalém. Mas, o povo ir a Betel e Dã, santuários patriarcais, para cultuar a Javé, isso também é importante.

Com Jesus Cristo, muito tempo depois, teremos a revelação plena de Deus. Jesus é a Palavra que se encarna e toma a forma humana. Ele próprio nos ensina que Deus não deverá ser adorado nem na Samaria e nem em Jerusalém, mas em espírito e verdade (Jo 4,21.23).

Bibliografia

ADIÑACH, Pablo R. *O livro do Êxodo*. Um comentário exegético-teológico. São Leopoldo: EST, 2010.

BÍBLIA. *Nova Bíblia Pastoral*. São Paulo: Paulus, 2013.

CHAMPLIN, Russel Norman. *O Antigo Testamento interpretado*. Versículo a versículo. São Paulo: Candeia, 2000.

COLE, R. Alan. *Êxodo. Introdução e comentário*. São Paulo: Edições Vida Nova; Mundo Cristão, 1981.

CROCETTI, Guiseppe. *1 e 2 Samuel. 1 e 2 Reis*. Pequeno Comentário AT. São Paulo: Paulus, 1994.

GARCIA LÓPEZ, Félix. *O Pentateuco*. Introdução ao estudo da Bíblia. São Paulo: Ave-Maria, 2004.

McKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. 8ª ed. São Paulo: Paulus, 2003.

Silvia Togneri

Rua São Judas Tadeu, 89, José Mendes
88021-005 Florianópolis, SC
silviatogneri@gmail.com